

GÊNEROS DO DISCURSO - EXPERIÊNCIAS PSICOSSOCIAIS TIPIFICADAS

Rodrigo Acosta Pereira

RESUMO: Pesquisas contemporâneas em Linguística Aplicada têm enfatizado o papel dos gêneros do discurso na tipificação e relativa estabilização das interações nas diversas situações da vida social cotidiana. Sob essa perspectiva, objetiva-se ao longo da pesquisa (a) localizar o presente trabalho a partir das teorizações da Análise Dialógica do Discurso (ADD) do Círculo de Bakhtin acerca dos estudos sobre gêneros do discurso; (b) apresentar considerações teórico-metodológicas sobre os gêneros do discurso sob o escopo da ADD e (c) propor considerações finais e sugerir pesquisas futuras na área. O trabalho apresenta-se relevante, à medida que não apenas contribui para a consolidação de pesquisas no âmbito da Teoria dos Gêneros do Discurso, como também apresenta subsídios teórico-metodológicos e aplicados para profissionais cujo objeto de trabalho seja a linguagem em suas diferentes realizações.

PALAVRAS-CHAVES: Gêneros do Discurso; Tipificação; Interação.

ABSTRACT: Contemporary Applied Linguistic researches have been emphasized the social role of discourse genres in the typification and relative stabilization of our daily interactions. Based on this, the present work aims at (a) localizing the research through the Dialogical Discourse Analysis (DDA) based on Bakhtin's theory; (b) presenting theoretical and methodological aspects concerning the discourse genres according to the DDA theory and (c) proposing final considerations and suggesting future researches in the area.

KEYWORDS: Discourse Genres; Typification; Interaction.

I Introdução

Inter-relacionamos-nos por meio do discurso em diferentes situações de enunciação, constituindo-nos, constituindo o outro e nossas interações sociais. Sob essa perspectiva, pesquisas contemporâneas em Linguística Aplicada têm enfatizado a relação dialógica entre sociedade e linguagem sob o escopo dos gêneros do discurso, apresentando discussões teóricas e metodológicas seja sobre práticas de letramento, seja sobre teoria e análise enunciativo-discursiva de gêneros (BONINI, 2005; CRISTÓVÃO e NASCIMENTO, 2004; 2005; KLEIMAN, 2006;

MARCUSCHI, 2002; 2005; MEURER, 2005; MOTTA-ROTH, 2005; 2006; RODRIGUES, 2001; 2004; 2005; ROJO, 2005; SIGNORINI, 2006).

Dentre as diversas pesquisas científicas desenvolvidas na área dos gêneros do discurso, diferentes abordagens teórico-metodológicas destacam-se: a sociossemiótica, a socioretórica, a interacionista-sociodiscursiva, a semiodiscursiva e a abordagem que se propõe investigar nesse trabalho, a sociodialógica, cujos referenciais teóricos e metodológicos de estudo dos gêneros estão sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin (1981; 1989; 1993; 1998; 2003; 2006).

A perspectiva Sociossemiótica busca compreender a configuração contextual e textual dos gêneros do discurso a partir da análise das metafunções ideacional, interpessoal e textual (EGGINS, 1994; HALLIDAY E HASAN, 1989; HALLIDAY 1978; 1994; THOMPSON, 1996) e sua relação com a interpretação, descrição e explicação da construção discursivo-ideológica do gênero com base na Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1989; 1992; 1995; WODAK, 2001). Entende-se, em síntese, que estudar os gêneros do discurso sob o escopo sociossemiótico é procurar entender a relação bidirecional entre discurso e estruturação social¹, enfatizando a linguagem enquanto prática social de significação que (a) estrutura experiências diárias; (b) (re)constrói relações interpessoais e (c) se manifesta na forma de textos sócio-situados.

Sob o âmbito do estudo Socioretórico (SWALES, 1990; BAZERMAN 2005; 2006; 2007; MILLER 1984), objetiva-se analisar os gêneros do discurso, considerando-os como ações sociais que (a) materializam uma classe de eventos; (b) compartilham propósitos comunicativos; (c) possuem traços específicos prototípicos; (d) apresentam lógica inata e (e) determinam usos lingüísticos específicos de acordo com a comunidade discursiva.

A proposta de análise socioretórica se desenvolve, dessa forma, a partir de três conceitos-chave: comunidade discursiva, tarefa e gênero. Essa perspectiva define que um gênero pode ser concebido como uma classe de eventos comunicativos – ações sociais mediadas pelo discurso – que compartilham propósitos comunicativos específicos. “Esses propósitos são reconhecíveis

¹ Segundo Giddens (1984, p. 14), “estrutura refere-se às propriedades de estruturação que permitem a ‘delimitação’ de tempo-espaço em sistemas sociais, às propriedades que possibilitam a existência de práticas sociais discernivelmente semelhantes por dimensões variáveis de tempo e de espaço e lhes emprestam uma forma sistêmica”.

pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero” (SWALES, 1990, p. 58).

A abordagem Interacionista-Sociodiscursiva (SCHNEUWLY e DOLZ 2004; BRONCKART 1997; 1999) pretende descrever as características enunciativo-discursivas do funcionamento dos gêneros do discurso e selecionar, planejar e projetar conteúdos de ensino/aprendizagem que estejam de acordo com as capacidades de linguagem que possam ser aplicadas nas práticas didáticas. Objetiva-se integrar parâmetros psicossociais e lingüístico-discursivos, examinando “as relações que as ações de linguagem mantêm com os parâmetros do contexto social em que se inscrevem” (CRISTÓVÃO e NASCIMENTO, 2005, p. 37). Em suma, propõe-se (a) a análise das ações semiotizadas –ações sócias mediadas pelo discurso- em relação com o social; (b) a desconstrução da estrutura do texto e interpretação/descrição dos recursos lingüísticos e (c) a explicação das operações psicológicas na produção do texto e na apropriação do gênero do discurso. Procura-se compreender os gêneros como “reguladores e como produtos das atividades sociais da linguagem” (MACHADO, 2005, p. 249).

Sob o escopo da perspectiva Semiodiscursiva² (CHARAUDEAU, 2004; 2006; MAINGUENEAU, 2001; 2004), os gêneros são concebidos como “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes” (MAINGUENEAU, 2001, p. 61). Dessa forma, busca-se entender os gêneros como (a) rotinas/comportamentos estereotipados estabilizados e em variação contínua; (b) atividades/atos de linguagem submetidos a critérios de êxito – finalidade, estatuto de parceiros, temporalidade, suporte material e organização textual; (c) contrato – pressupõe ser cooperativo e regido por normas sociais; (d) papel – implica a determinação de papéis sociais dos interactantes e (e) jogo – compreendem regras mutuamente conhecidas pelos interactantes.

A abordagem Sociodialógica (BAKHTIN, 1926; 1989; 1993; 1998; 2003; 2006), na qual a presente pesquisa se insere, objetiva compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros a

² Segundo Charaudeau (2004, p. 21), “[...] uma análise dos gêneros deve se apoiar em uma teoria do fato languageiro, dito de outra maneira, em uma teoria do discurso na qual possamos conhecer os princípios gerais sobre os quais ela se funda e os mecanismos que os colocam em funcionamento. Toda teoria do discurso implica, assim, que sejam determinados diferentes níveis de organização do fato languageiro. Já expus, aqui e ali, os aspectos de uma teoria psico-sócio-comunicativa (que chamo de ‘Semiodiscursiva’) na qual me inscrevo [...]”.

partir de sua relação com a situação social de interação e a esfera social de atividade. Bakhtin (2003) apresenta os gêneros do discurso enquanto enunciados relativamente estabilizados, tipificados socioideológico e sociodialogicamente.

Dessa forma, a presente pesquisa procura estudar os gêneros do discurso, sob o horizonte da Análise Dialógica do Discurso (ADD) / Teoria da Enunciação Sociodialógica (TESD) (BRAIT, 2006) de Mikhail Bakhtin, revisitando seus aspectos teórico-metodológicos. Assim, em relação com as outras vertentes de análise do discurso (Anglosaxã – Análise Crítica do Discurso e Francesa – Análise de Discurso), a Análise Dialógica do Discurso procura compreender a “indissolúvel relação entre língua, linguagens e sujeitos” historicamente situados (BRAIT, 2006, p. 10). Segundo Brait (2006, p. 13-14), a Análise Dialógica do Discurso (ADD) objetiva

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa ‘materialidade lingüística’, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. Não há categorias *a priori* aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]. As diferentes formas de conceber ‘enfretamento dialógico da linguagem’ constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções.

Em síntese, cabe ressaltar, portanto, que a abordagem Sociodialógica está em confluência com as demais perspectivas atuais de pesquisas de gêneros do discurso em Lingüística Aplicada (Sociosemiótica, Socioretórica, Interacionista-Sociodiscursiva e Semiodiscursiva), colaborando para a compreensão da relação dialogizante entre sociedade e linguagem e para o papel dos gêneros do discurso nessa inter-relação.

II Os gêneros do discurso sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD) do Círculo de Mikhail Bakhtin: aspectos teóricos e metodológicos

Compreendemos a linguagem por meio de sua dimensão social e dialógica. É a partir da relação bidirecional entre linguagem e sociedade que se materializam as diversas situações sociais de interação.

Os diversos usos da linguagem realizados na sociedade nas diferentes interações sociais entre indivíduos num determinado contexto sócio-histórico e cultural se realizam por meio de enunciados que se tipificam, os quais denominamos gêneros do discurso.

Os gêneros são tipificados nas interações assim como se realizam e se regularizam em esferas sociais específicas da atividade humana. Segundo Bakhtin (2003), a linguagem media os diferentes campos sociais de interação. Em consequência, os usos sociais da linguagem são multiformes e heterogêneos, assim como os são as esferas da atividade e comunicação humanas. Essa mediação é realizada por enunciados (orais ou escritos), concretos, únicos, irrepetíveis e heterogêneos que são proferidos pelos sujeitos atuantes em determinadas situações sociais de interação. Assim, os enunciados refletem as condições sociais e as finalidades de cada esfera e situação sociais regularizados por meio do tema, estilo e composição que, em confluência, são indissoluvelmente inter-relacionados e se constituem mutuamente.

Bakhtin (2003) afirma que todas as esferas da atividade humana estão efetivamente relacionadas com o uso social da linguagem. As realizações lingüísticas se efetuam como enunciados que se legitimam e refletem as condições sociais de produção que estão pressupostas nas interações de que fazem parte. O enunciado materializa as condições e as finalidades de cada uma das esferas sociais desses enunciados, isto é, os enunciados, como unidades de comunicação, são marcados por regularidades sócio-temáticas, sócio-estilísticas e sócio-composicionais que se estabilizam na forma de gêneros. Sob essa perspectiva, “a riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana [...]” em relação as suas esferas sociais (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Esferas sociais são espaços de regularização e significação social dos gêneros, assim como espaços sociais de interação no quais os gêneros se constituem e funcionam. Todo gênero adapta-se a uma situação interacional que se desenvolve em uma esfera social específica.

Dessa forma, os diversos gêneros que circulam na sociedade refletem ou refratam uma determinada realidade pertencente a uma esfera social. Nessa interação, os enunciados, realizados

em uma esfera social específica, não apenas se adaptam a essa esfera como regularizam suas interações por meio dos gêneros.

Bakhtin (2006, p. 130) retoma que, toda e qualquer situação de interação possui um auditório organizado e conseqüentemente um certo repertório de enunciados relativamente estáveis, visto que

só se pode falar de fórmulas específicas, de [gêneros] [d]o discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias. [...] Toda situação inscrita duravelmente nos costumes possui um auditório organizado de uma certa maneira e conseqüentemente [...] A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo. As fórmulas da vida corrente fazem parte do meio social [...]. Elas coincidem com esse meio, são por ele delimitadas e determinadas em todos os aspectos. (BAKHTIN, 2006, p. 130).

Sob esse âmbito, podemos compreender que os gêneros do discurso, não apenas funcionam em determinada esfera social, como incorporam os objetivos, as ideologias e as relações interpessoais constitutivos dessa esfera.

Considerando os gêneros como enunciados relativamente tipificados, Bakhtin (2003) discute os indícios da totalidade dos enunciados, postulando que seu acabamento³ ou conclusibilidade é determinado pelo: (a) seu objeto de sentido; (b) intuito do locutor e (c) as formas típicas do gênero. O conteúdo temático é compreendido como o objeto de sentido valorado no discurso, isto é, o conteúdo tematizado que se desenvolve no gênero a partir da interação.

Para Bakhtin (2003, p. 281), determinadas esferas sociais produzem seus temas específicos. Em outras palavras, a exauribilidade semântico-objetal do tema do enunciado se diversifica à medida que se diversificam as situações de interação. A exauribilidade semântico-objetal pode apresentar-se plena em campos oficiais nos quais os gêneros do discurso são de natureza padronizada e a criatividade é quase ausente.

Por outro lado, em esferas sociais nas quais a fluidez do gênero é recorrente, os temas são diversificados, apresentando acabamento e responsividade plásticos. Em síntese, o objeto

³ “A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições” (BAKHTIN, 2003, p. 280).

semântico é inexaurível, mas ao se tornar tema de enunciados, determina-se em função da esfera social da qual os enunciados se realizam.

Inter-relacionado e indissociável à exauribilidade semântico-objetal, a intenção discursiva de discurso apresenta-se como a vontade discursiva do falante que “determina o todo do enunciado, seu volume e as suas fronteiras” (BAKHTIN, 2003, p. 281). Bakhtin (2003, p. 281) retoma que “imaginamos o que o falante quer dizer⁴, e com essa idéia verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado”.

É sob esse âmbito que as formas típicas estão relacionadas com o conteúdo temático e com o intuito do locutor. Para Bakhtin (2003, p. 266), as unidades composicionais são determinados “tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos de relação do falante com os outros participantes da comunicação discursiva”. A composicionalidade aliada ao estilo e ao tema dos enunciados estabilizados em gêneros resulta no reconhecimento de situações de enunciação tipificadas, tornando a interação compreensível aos interlocutores. Bakhtin (2003, p. 283) argumenta que

as formas da língua e as formas mais típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência [...]. Os gêneros do discurso organizam nossa fala [...] Aprendemos a moldar nossa fala às formas dos gêneros [...]. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados. Ao introduzirem-se em nossa consciência, os gêneros moldam nossos discursos em determinadas interações, à medida que “nós aprendemos a moldar nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras [...]”.

A consciência, para Bakhtin (2006), é ideológica, dialógica e semiotizada. A significação dos gêneros, nas diversas interações sociais, é intimamente investida de ideologias, visto que as esferas sociais são constituídas de normas sociais (Bakhtin, 2006), a regularização e a legitimação dessas esferas se constroem por determinadas ideologias. Sociedade, discurso e ideologia se constituem mutuamente. Dessa inter-relação, os gêneros funcionam como formas típicas de enunciados, que, investidos de ideologias, retomam e reproduzem os valores sociais nas diversas interações.

⁴ “Em cada enunciado – da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou literatura – abrangemos, interpretamos, sentimos a intenção discursiva de discurso ou a vontade discursiva do falante [...]”. (BAKHTIN, 2003, p. 281).

O discurso que se produz nos gêneros encobre não apenas índices de valores ideológicos da situação imediata da interação, como também da situação mais ampla da qual a interação e a esfera de comunicação fazem parte.

Dessa forma, aspectos históricos e culturais se relacionam com as ideologias, regulamentando os diferentes discursos materializados nos enunciados. Para Bakhtin (2006, p. 33), “ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo o que é ideológico possui um valor semiótico”.

Outro aspecto relativo ao diálogo social entre gêneros e ideologias está acerca do conceito de gênero primário e secundário. Bakhtin (2003) procura não normatizar classificações de gêneros, contudo, busca compreender a distinção que estabelece entre o que denomina de ‘primário’ e o que chama de ‘secundário’.

O autor propõe que entendamos os gêneros primários (simples) como aqueles que funcionam sociocomunicativamente em relações dialógicas de interação em espaços regularizados por normas sociais de ideologias cotidianas, isto é, ideologias não institucionalizadas. Os gêneros secundários, por sua vez, de acordo com o autor, se encontram legitimados por ideologias formalizadas, isto é, ideologias que institucionalizam determinadas esferas sociais das quais os gêneros se realizam (por exemplo, o romance, da esfera da arte, os gêneros do jornalismo de jornal e de revista, tais como: a entrevista, a carta de aconselhamento, o editorial, o artigo assinado).

Bakhtin (2003, p. 263) compreende a impossibilidade de se minimizar a heterogeneidade e a diversidade dos gêneros nas diversas esferas sociais de ação mediadas pelo discurso. Essa constatação leva-nos, segundo o autor, à dificuldade de definir ou limitar a natureza dos enunciados. É sob esse parâmetro heterogêneo e plástico que Bakhtin (2003) postula considerações sobre a relação dialógica entre gêneros primários e secundários. Para o autor, os gêneros primários são constituídos e funcionam sob o prisma de ideologias do cotidiano, ao passo que os gêneros secundários circulam em esferas sociais de atuação de ideologias institucionalizadas. Contudo, os gêneros secundários incorporam e reelaboram os gêneros primários, constituindo-se a partir deles nas diferentes condições de comunicação sociodiscursiva.

Em síntese, podemos compreender que os gêneros, em suas diversas esferas sociais, não são apenas histórico e culturalmente construídos, como também são conjugados a determinadas ideologias. Estas, por sua vez, não apenas determinam a construção discursiva do gênero, como também o espaço da interação, regularizando e (re)construindo determinadas normas sociais impostas pelos variados espaços de produção, circulação e recepção dos gêneros na sociedade, o que determina sua essência híbrida, fluida e dinâmica.

Os aspectos híbridos dos gêneros do discurso são discutidos por Bakhtin (1998; 2003; 2006) a partir dos conceitos de intercalação e transmutação. Dessa forma, não podemos minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e o caráter genérico do enunciado.

Quanto à intercalação de gêneros, podemos compreender como a incorporação de enunciados de um gênero em um enunciado de outros gêneros, como uma carta dentro de um romance. Gêneros da esfera do jornalismo, freqüentemente, utilizam-se desse recurso para a construção das instâncias interacionais de produção e recepção (por exemplo, uma publicidade com regularidades genéricas de uma receita; um editorial com regularidades do gênero horóscopo).

Portanto, ocorre intercalação quando enunciados de um determinado gênero estão em enunciados de outros gêneros, independente da esfera, mas sempre com relação aos horizontes interacionais. Embora, sob a perspectiva de Bakhtin, todos os enunciados são sempre atravessados por outros enunciados e pelos enunciados do outro, a intercalação se estabelece e se constitui por enunciados de um determinado gênero em relação dialógica com enunciados de outro gênero, numa dada interação social. Para Bakhtin (1998, p. 124-125),

os gêneros intercalados podem ser diretamente intencionais ou totalmente objetivos, ou seja, desprovidos inteiramente das intenções do autor. Eles não foram ditos, mas apenas mostrados como uma coisa pelo discurso; na maioria das vezes, porém, eles refrangem em diferentes graus as intenções do autor, e alguns dos seus elementos podem afastar-se, de diferentes maneiras, da última instância semântica da obra⁵.

⁵ Bakhtin (1998, p. 124-125) refere-se a gêneros intercalados no gênero romance, afirmando que os gêneros intercalados são “uma das formas mais importantes e substanciais de introdução e organização do plurilinguismo no romance [...]. Todos esses gêneros que entram no romance introduzem nele as suas linguagens e, portanto, estratificam a sua unidade lingüística e aprofundam de um modo novo seu plurilinguismo”.

Rodrigues (2005) entende que os gêneros intercalados apresentam-se como um modo de introdução do discurso do outro por meio de um gênero outro, cuja função é o da construção de uma determinada orientação socioaxiológica. “O gênero intercalado é como outra janela genérica (de gênero) que se maximiza sobre [um determinado gênero do discurso]” (RODRIGUES, 2005, p. 180-181). Sob esse âmbito, a hibridização dos gêneros realiza-se por processos seja transmutacionais ou de intercalação, caracterizando os gêneros do discurso como plásticos, fluídos e dinâmicos.

As diversas atualizações e (re)constituições dos gêneros se dá nas diferentes interações sociais, visto que, a intercalação é um dos processos enunciativos no qual se pode observar a plasticidade dos gêneros. “Todas essas características dos gêneros apontam para sua relativa estabilidade, sua dinamicidade e sua relação inextricável com a situação social de interação”. (RODRIGUES, 2005, p. 169).

Os gêneros, além de sua plasticidade e fluidez, são, concomitantemente, históricos e dinâmicos, ou seja, conjugam-se às mudanças sociais e discursivas. A renovação/mudança na língua reflete-se na renovação ou destruição de gêneros do discurso nas diversas interações; por exemplo, “as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissociavelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 267).

A historicidade dos gêneros está pressuposta nas mudanças da língua, visto que diferentes épocas elaboram diferentes gêneros do discurso. Dessa forma, como os gêneros moldam os enunciados e como os enunciados são carregados de índices de valor e se constituem sob a perspectiva de uma determinada situação de interação, “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 268), colaborando para uma renovação ou destruição de gêneros em dinâmica constante.

“A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o tom do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 268). Assim, para Bakhtin (2003), estudar o discurso é partir para a compreensão dos enunciados e dos gêneros que moldam esse discurso, pois “o estudo do enunciado como unidade

real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 269).

III Discursividade, responsividade e dialogismo

A compreensão da produção e da recepção de enunciados nas diversas interações é dialógica, ou seja, pensar em gêneros é compreender as diferentes relações enunciativas que o configuram e determinam seu funcionamento nas diferentes esferas sociais de comunicação. Para Bakhtin (1998; 2003), o dialogismo é constitutivo da discursividade, isto é,

o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela lingüística, os que têm importância primordial para nossos fins.

O enunciado como unidade real da comunicação não é uma unidade objetiva e convencional, mas discursiva e intersubjetiva, posto que os limites dos enunciados são determinados pela alteridade. Nas interações sociais, os enunciados funcionam como “um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, p. 291). Dessa forma, compreender o dialogismo bakhtiniano é buscar desconstruir as inter-relações enunciativas que se constroem interativamente, já que nossos enunciados mantêm relação dialógica com outros enunciados já ditos, isto é, os enunciados estão em constante inter-relação com enunciados outros.

Com isso, os enunciados se articulam como formas sociais de comunicação, que, quando relativamente tipificadas, se organizam como gêneros do discurso. A compreensão dos enunciados é inseparável de sua situação de interação, ou seja, significações enunciativas não são fixas, impermeáveis ou abstratas, mas são essencialmente sociais. Significação e interação funcionam conjuntamente. Para Bakhtin (2006, p. 135-136),

a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra [...]. Sua significação é inseparável da situação concreta em que se realiza. Sua significação é diferente a cada vez, de acordo com a situação. [...] A significação é o estágio inferior da capacidade de significar. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar [...]. Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras novas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. [...] na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de

união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor [...].

Em *O Problema do Texto na Linguística, Filologia e Outras Ciências Humanas*, Bakhtin (2003, p.323) revisita o aspecto dialogizante do discurso, discutindo que as relações dialógicas do discurso são apenas possíveis a partir de enunciados integrais de determinados sujeitos desse discurso. São relações que não estão reduzidas às relações lógicas (sintático-composicionais). Onde não há discurso não há relações dialógicas, ao passo que estas não podem ser constituídas por meio de objetos ou grandezas lógicas.

É sob essa perspectiva que Bakhtin apresenta aspectos sobre autoria e discursividade bivocalizada. O discurso bivocal é introduzido pelo autor sob o ângulo da comunicação dialógica, isto é, sob o plano do discurso, especificando que o discurso bivocal orienta-se para o objeto do discurso como também para o discurso do outro. Essa dupla orientação do discurso materializa-se na forma e enunciados e, por conseguinte, pressupõe uma autoria enunciativo-discursiva. “A palavra como ato [...]. A sensação de si mesmo e do outro na palavra” (BAKHTIN, 2003, p. 320).

Segundo pressupostos de Bakhtin (2002; 2003; 2006), todo sujeito se constitui a partir da interação que estabelece com o outro, isto é, é a interação que se processa entre o eu e o outro que define o eu como sujeito. O autor argumenta que é a partir do discurso do outro que o sujeito se constitui na sociedade. Além disso, Bakhtin (2002; 2003; 2006) afirma que a tomada de consciência do sujeito quanto ao seu discurso e seu papel também se dá a partir dessa interação dialógica intersubjetiva do eu com o outro. Para Bakhtin (2003)

[...] avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência: desse modo, levamos em conta o valor da nossa imagem externa do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro – para nós mesmos esse valor não existe imediatamente [...]. Consideramos o fundo às nossas costas, isto é, tudo o que nos rodeia, o que não enxergamos imediatamente, não conhecemos e não tem para nós importância axiológica direta, mas, pelo visto, é significativo e conhecido aos outros, o que vem a ser uma espécie de fundo em que os outros nos percebem axiologicamente, no qual nos manifestamos para eles [...]. (p. 13-14).

Dessa forma, o discurso implica dialogismo e responsividade, visto que “a palavra é interindividual” (BAKHTIN, 2003, p. 327) e todo discurso pressupõe audibilidade. O discurso materializado na forma de enunciados é compreendido dialogicamente, isto é, a compreensão dos enunciados se dá a partir de suas relações dialógicas com outros enunciados. Para Bakhtin

(2003), “a compreensão responsiva do conjunto discursivo é sempre de índole dialógica” (p. 332).

Em suma, a compreensão dos enunciados e das relações dialogizantes entre eles é dialógica e demanda responsividade, posto que “a compreensão do enunciado⁶ pleno é sempre dialógica” (BAKHTIN, 2003, p. 331).

IV O pape dos gêneros do discurso na sociedade

(Inter)Agimos por meio da linguagem em diferentes situações de interação imediatas e amplas, (re)construindo nossas relações intersociais, construindo ou transformando nossa realidade social e participando de diferentes situações sociais de enunciação por meio de gêneros do discurso. Entender gêneros é compreender que nossas atividades diárias são realizadas em determinadas situações concretas, visto que a sociedade se comunica e interage por meio de gêneros; dessa forma, os gêneros apresentam-se como recursos psíquicos e sociais de compreensão de nossas ações mediadas pela língua(gem), pois não apenas relativamente estabilizam nossa interações, como as regularizam e as significam na sociedade.

Para Bakhtin (2006, p. 42)

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriam caminho para sistema ideológicos estruturados e bem-formados.

Sob esse aspecto, Bakhtin (2006) retoma que o discurso apresenta-se como o meio e o material pelo qual se produzem as mudanças sociais em diversas interações, além de engendrar e normatizar a ideologia pressuposta nessas mudanças. O discurso, para a ADD, “é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKHTIN, 2006, p. 42). Com isso, para a ADD, os gêneros do discurso encontram-se diretamente

⁶ “O enunciado como um conjunto de sentidos. A relação com os enunciados dos outros não pode ser separada da relação com o objeto (porque sobre ele discutem, sobre ele concordam, nele as pessoas se tocam) nem da relação com o próprio falante. Trata-se de uma tríade viva”. (BAKHTIN, 2003, p. 329).

relacionados às diversas situações de interação e refletem e refratam as diferentes flutuações da atmosfera social.

Bakhtin (2006), ao inter-relacionar discurso, gêneros e sociedade, afirma que as relações sociais estão em contínua evolução (sob o âmbito das infra-estruturas e das relações sociais), assim como a comunicação e a interação verbal. Em consequência, os enunciados dinamizam-se em função da interação verbal, evoluindo e modificando as diferentes formas da língua.

Em adição às relações entre gêneros do discurso e mudanças sociais, Bakhtin (1998) estabelece diálogos entre os gêneros e processos de (des)centralização da língua. De acordo com a perspectiva bakhtiniana, a língua enquanto fenômeno social expressa forças sociais duais: forças de unificação e desunificação, que dialogam constantemente nas relações sociais e nas interações discursivas.

As forças de unificação são denominadas ‘centrífugas’, ao passo que as forças de desunificação são nomeadas de ‘centrípetas’. Os gêneros do discurso, para Bakhtin, são considerados forças sociais centrífugas, pois atuam como forças de desunificação da língua. (BAKHTIN, 1998). Rodrigues (2005, p. 168), a esse respeito, afirma que “a concepção de estratificação da língua (centrípetas e centrífugas) [...] não se limita às forças temporais, geográficas e à classe social, mas incluem em si os gêneros e outras forças sociais significativas” ideologicamente construídas e investidas de diferentes valores históricos e culturalmente estabelecidos. Com isso, diferentes forças centrífugas e centrípetas emergem com a interação mediada por gêneros, funcionando como espaços de controle, sistematização e criação da língua e de discursos.

Bakhtin (1998) propõe que cada enunciado do sujeito do discurso apresenta-se como espaço de articulação seja de forças centrípetas, seja de forças sociais centrífugas. Esses processos de centralização e descentralização da linguagem inter cruzam-se na situação de enunciação.

V Considerações Finais

Entender gêneros e, portanto, uma prática linguística sócio-construída, é compreender que, nossas atividades diárias são realizadas em determinados situações sociais concretas, e é através

da linguagem, nas suas diferentes semioses, que realizamos muitas das ações que nos interessam, ações que objetivamos e ações que nos inserimos como interlocutores.

Sob esse escopo, os gêneros apresentam-se como recursos de experiências psicossociais, pois é por mediação dos gêneros, que socialmente nossas ações são tipificadas, isto é, seguem determinadas regularizações, seja no plano léxico-gramatical, seja no plano sociointeracional.

VI Referências

BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. **Discurso na Vida e Discurso na Arte (sobre a poética sociológica)**. 1926. Trad. De Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo.

_____. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. Edited and Translated by Caryl Emerson. Minnesota: UMP, 1989.

_____. **Para uma Filosofia do Ato**. Texto completo da edição americana Toward a philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 1993.

_____. **Questões de Literatura e de Estética – Teoria do Romance**. 4 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **Os Gêneros do Discurso**. In: BAKHTIN, M. A Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAZERMAN, C; A. P. DIONÍSIO; J. C. HOFFNAGEL. (Orgs.). **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Gêneros, Agência e Escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Escrita, Gênero e Interação Social**. São Paulo: Cortez, 2007.

BONINI, A. **A Noção de seqüência textual e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas**. In: MEURER, J. L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. **Gêneros – Teorias, Métodos e Debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.

BRAIT, B. **Análise e Teoria do Discurso**. In: BRAIT, B. **Bakhtin – Outros Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRONCKART, J. P. **Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: Por um Interacionismo Sócio-discursivo**. Trad. Ana Raquel Machado. São Paulo: EDUC, 1997/1999.

CHARAUDEAU, P. **Visadas Discursivas, Gêneros Situacionais e Construção Textual**. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). **Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

_____. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (Orgs.). **Gêneros Textuais: Teoria e Prática**. Londrina: Moriá, 2004.

_____. **Gêneros Textuais: Teoria e Prática II**. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London. Printer, 1994.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

_____. **Critical Language Awareness**. London: Routledge, 1992.

_____. **Media Discourse**. London: Longman, 1995.

GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. Cambridge: Polity Press, 1984.

HALLIDAY, M.A.K. **Language as a Social semiotic – The Social Interpretation of Language and Meaning**. London: OUSB, 1978.

_____. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold. 1994.

_____. & HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

KLEIMAN, A. B. **Leitura e Prática Social no Desenvolvimento de Competências no Ensino Médio**. In: BUZEN, C. & MENDONÇA, M. (orgs.) *Português no Ensino Médio e Formação do Professor*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 23-36.

MACHADO, A. R. **A Perspectiva Interacionista Sociodiscursiva de Bronckart**. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.237-259.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002, p.19-36.

_____. **Gêneros Textuais: Configuração, Dinamicidade e Circulação**. In: A. M. KARWOSKI; B. GAYDECZKA; K. S. BRITO. (Orgs.) *Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue. 2005. p. 17-34.

MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos da Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Diversidade dos Gêneros do Discurso**. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

MEURER, J. L. **Gêneros Textuais na Análise Crítica de Fairclough**. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-107.

MILLER, C. **Genre as a Social Action**. In: FREEDMAN, A; MEDWAY, P. (orgs.) *Genre and the New rhetoric*. London: Taylor & Francis. 1984. p. 23-42.

MOTTA-ROTH, D. **Questões de Metodologia em Análise de Gêneros**. In: KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. *Gêneros Textuais – Reflexões e Ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005. p. 179-202.

_____. **O Ensino de Produção Textual com base em Atividades Sociais e Gêneros Textuais**. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, volume 6, número 3, set./dez. Florianópolis, 2006.

RODRIGUES. R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo**. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

_____. **Análise de Gêneros do Discurso na Teoria Bakhtiniana: Algumas Questões Teóricas e Metodológicas**. *Revista Linguagem em Dis(curso)*. V. 4, nº 2, jan. jun. 2004.

_____. **Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin.** In: MEURER, J. L; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. Gêneros – Teorias, Métodos e Debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROJO, R. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas.** IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

_____. **Fazer Lingüística Aplicada em Perspectiva Sócio-histórica: Privação Sofrida e Leveza de Pensamento.** In: MOITA LOPES, L. P. (org.). Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-274.

SIGNORINI, I. (org.) **Gêneros Catalisadores – Letramento e Formação do Professor.** São Paulo: Parábola, 2006.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola.** Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SWALES, J. M. **Genre Analysis: English in Academic and Research Settings.** Cambridge: CUP. 1990.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar.** London: Edward Arnold, 1996.

WODAK, R. **Do que se trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos.** Revista Linguagem em (Dis)curso. V.4, nº especial de 2004.